

Modelagem plana feminina: por um produto que atenda aos desejos dos cadeirantes

Modeling flat female: for a product that meets the desires of wheelchair

Edna Silva¹

ednamaria@ifpi.edu.br

RESUMO: Este artigo discute a metodologia utilizada na construção de modelagens em bibliografias que abordam o conteúdo de modelagem plana, e como ela é construída nas indústrias de confecções de Teresina. A metodologia utilizada foram pesquisas descritiva e qualitativa. Para tanto, revisou-se diversas obras. Os resultados indicam que as modelagens não satisfazem os desejos dos cadeirantes.

PALAVRAS-CHAVE: Modelagem plana. Ergonomia. Cadeirantes.

ABSTRACT: This paper discusses the methodology used in the construction of models in bibliographies that address content modeling flat, and how it is constructed in the garment industries of Teresina. The methodology used was descriptive and qualitative research. To do so, was revised several works. The results indicate that the modeling does not satisfy the desires of the wheelchair.

KEYWORDS: Modeling flat. Ergonomics. Wheelchair.

INTRODUÇÃO

Diversos autores abordam o conteúdo de modelagem plana industrial. Em seus livros, o que se observa é a maneira como descrevem o processo de construção de uma modelagem, onde a todo instante mencionam apenas tabelas de medidas padrão adequadas para pessoas com biótipo tido como perfeito para a sociedade, e ao mesmo tempo exclui a outra parte, aqueles que não possuem biótipos dentro do padrão exigido nas tabelas de medidas.

Nas indústrias de confecção de Teresina o que ocorre não é diferente. Elas também produzem produtos de vestuário a partir de modelagens construídas com base nas tabelas de medidas, sejam elas padronizadas pela ABNT ou mesmo pelo estudo do público alvo da própria empresa, cujas

¹ Designer de Moda. Professora do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí – IFPI. Pós-graduanda em Negócios e Stylist de Moda pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI.

medidas foram sendo adaptadas através de pesquisas que agradassem seus consumidores. Consumidores esses que não incluem os deficientes físicos, ou mais especificamente, os cadeirantes, o que os deixa bastante insatisfeito, como foi possível constatar durante esta pesquisa.

Tal insatisfação se dá devido à maneira como a modelagem industrial é construída, sem nenhuma preocupação com a ergonomia, o que ocasiona um sério problema: exclui as pessoas com deficiências físicas, um público que corresponde à ¼ de toda a população brasileira.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivos fazer uma revisão da bibliografia que aborda o conteúdo de modelagem plana industrial, bem como discutir métodos voltados à construção de modelagens ergonômicas dentro das indústrias de confecção de Teresina, de modo que os produtos do vestuário satisfaçam os desejos estéticos, funcionais e emocionais das pessoas com deficiência física, os cadeirantes. Para isso, foram entrevistados empresários estilistas e modelistas, responsáveis pela criação e desenvolvimento de produtos dentro dessas fábricas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando ampliar a forma de desenvolver moldes de produtos do vestuário que satisfaçam os desejos estéticos, funcionais e emocionais dos cadeirantes, aplicou-se uma pesquisa bibliográfica envolvendo diversos autores, bem como as diversas maneiras de abordagens destes estudiosos.

Os livros de modelagem escritos por Fátima Grave (2004), Flávio Sabrá (2009), Stefânia Rosa (2009), Erika Palomino (2003), dentre outros autores, foram analisados atentamente no que se refere à metodologia utilizada para construção da modelagem plana industrial.

A pesquisa também buscou identificar a maneira como seis indústrias de confecção de Teresina desenvolvem suas modelagens planas e seus produtos. Nestas empresas, foram interrogados empresários, estilistas e modelistas, os principais envolvidos no processo de criação e desenvolvimento de produtos de moda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabrá (2009, p. 129) diz que “modelagem é a fonte que dará ao projeto da roupa sua linha externa de comunicação com o consumidor, valorizando suas formas, necessidades e expectativas”. Ele ainda continua enfatizando que ela “é fator determinante quanto ao conforto e ao caimento de uma peça do vestuário”.

Jones (2005) exalta a técnica de modelagem plana industrial, como um processo que exige precisão nas medidas e cálculos, estudo com enfoque geométrico, aplicado no desenvolvimento de módulos retangulares, determinados pelo conjunto de medidas padronizadas.

Grave (2004 apud MARTINS, 2006, p. 57) analisa que “uma roupa mal modelada expõe o corpo a alterações físicas, até mesmo doenças. Para tanto, é necessário um estudo pertinente para cada peça do vestuário”.

Diante das citações é possível perceber que os autores referem-se a modelagens feitas exclusivamente para seres humanos com medidas padronizadas. Percebe-se também que em nenhum momento são mencionados os seres que possuem medidas fora do padrão, ou seja, aqueles que por algum motivo possuem uma determinada deficiência limitação física, o que impedem de estarem inseridos na tabela de medida padrão.

Rosa (2009, p. 28) até tenta ser inclusiva quando diz que “apesar da enorme variação na aparência externa dos seres humanos, tanto em diâmetro como no alongamento, todos os corpos possuem a mesma estrutura, são compostos por ossos, músculos, gorduras, vísceras e fluidos, determinando a massa corporal”, mas exclui quando afirma que todos os corpos possuem a mesma estatura, o que não é verdade, pois o deficiente físico, cadeirante, possui características físicas diferentes das pessoas ditas normais.

O que se percebe é uma metodologia inadequada para as pessoas com deficiência física, em especial os cadeirantes. Por consequência disso, as roupas advindas dessas modelagens, quando produzidas, não atendem suas necessidades específicas.

Palomino (2001, p. 17) explica que a moda funciona como o cartão de visitas de um indivíduo, e ao mesmo tempo serve para expressar a identidade pessoal de cada um de nós para o mundo. Sabe-se que a roupa pode funcionar como um meio de comunicação, que diferencia um indivíduo de outro dentro de um grupo social. Através desta comunicação fica explícito estilo de vida, estado de espírito e personalidade, e ao mesmo tempo melhora a aparência e faz com que se tenha mais autoconfiança, o que eleva a autoestima.

Mas, na verdade o que tem acontecido com esse público não é bem assim, ou seja, na aquisição de peças do vestuário, eles deparam com dificuldades em encontrar roupas que lhes proporcionem tudo isso, ou pelo menos, aquelas que facilitem suas necessidades básicas, permitam apenas os movimentos e as etapas de trocas de uma peça para outra.

No entanto, diante do que pudemos observar no decorrer da pesquisa, são essas e outras preocupações que permeiam a cabeça do cadeirante ao adquirir uma peça do vestuário. Tais preocupações, enquanto atendem às necessidades da maioria dos consumidores, excluem a outra parte, ou seja, são inúmeras as pessoas com incapacidades de locomoção que se encontram insatisfeitas na hora de adquirir roupas que atendam os requisitos necessários para satisfazer suas necessidades.

Conforme os dados obtidos neste estudo, os cadeirantes se sentem completamente excluídos do mundo da moda. Enfatizaram que existe uma preocupação com a acessibilidade já existente, ou seja, rampas para subir e descer escadas, banheiros adaptados, ônibus com subidas para cadeirantes, dentre outros benefícios, sendo que eles não precisam apenas de direitos para ir e vir, mas também de roupas adequadas para permitir essas idas e vindas com mais dignidade.

Silva (1987, p. 381) afirma que as pessoas com deficiência física são aquelas que não se encontram dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade como “normalidade”, seja por motivos físicos, sensoriais, orgânicos ou mentais. E, para que tenham uma vida sem dificuldades são beneficiadas pela acessibilidade, ou seja, essas pessoas têm direito a empregos e

universidades, a vagas especiais em estacionamentos, a rampas para subir e descer calçadas, entre outras garantias.

A Lei da Acessibilidade, nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Para tanto, conceitua-se acessibilidade:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida (MICHELINE, OKIMOTO, SCHEER e WIGINESCKI, 2007).

É possível perceber no conceito de acessibilidade que são diversos os direitos que visam atender as necessidades imediatas dos deficientes físicos. Mas, ainda há muito que resolver com relação à problemática da acessibilidade.

Os cadeirantes relataram, ainda, que o campo da ergonomia, o que diz respeito à adaptação nas modelagens ainda não está sendo questionado nos projetos de lei nem na criação e desenvolvimento dos produtos de moda das indústrias de confecções de Teresina. Em se tratando de ergonomia, os cadeirantes entrevistados expuseram que as roupas comercializadas são inadequadas para pessoas com deficiência física e que não encontram roupas com modelagem acessível às pessoas com o biótipo específico de um cadeirante.

Os cadeirantes também expuseram que os aviamentos, quando colocados em locais indevidos, ou seja, nas partes que ficam em contato com a cadeira de rodas, causam dores e que os tecidos não são apropriados para quem passa o dia inteiro sentado, causando bastante desconforto. A dificuldade em vestir e despir também é um problema, visto que as peças não apresentam modelagens acessíveis para eles.

Isso se dá devido à falta de preocupação por parte dos proprietários, estilistas e modelistas, responsáveis pela criação e desenvolvimento de produtos de moda de uma indústria de confecção. Estes, por sua vez, não elaboram produtos ergonômicos que atendam as necessidades dos deficientes físicos cadeirantes.

Desta forma, vale ressaltar, que os seis empresários entrevistados afirmaram que produzem produtos de vestuário a partir de modelagens construídas com base nas tabelas de medidas, sejam elas padronizadas pela ABNT ou mesmo pelo estudo do público alvo de sua própria empresa, cujas medidas foram sendo adaptadas através de pesquisas que agradassem seus consumidores. Veja figura da tabela de medidas adotada pelas empresas observadas:

Tabela de Medidas Padrão Medidas do Corpo - Feminino								
MEDIDAS	TAMANHO	36	38	40	42	44	46	48
		Tórax	78	82	86	90	94	98
Busto	82	86	90	94	98	102	106	
Cintura	66	70	74	78	82	86	90	
Quadril	88	92	96	100	104	108	112	
Largura das Costas	34	35	36	37	38	39	39	
Separação do Busto	17	18	18	19	20	21	22	
Altura Blusa na Frente	43	44	45	45	46	46	47	
Altura da Cava	19,5	19,5	20	20,5	21,5	22	22,5	
Largura do Braço	26	26	27	28	30	32	34	
Altura do Busto	24,8	25,6	26,4	27,2	28	28,8	28,8	
Altura da Manga Comprida	56	57	58	59	60	61	62	
Largura do Punho	15,4	15,8	16,2	16,6	17	17,4	17,8	
Altura da Manga Curta	16,5	17	17	17	18	18	19	
Altura do Quadril	17,5	18	18,5	19	19,5	20	20,5	
Altura do Gancho	25	25,5	26	26	27	29	30	
Altura do Joelho	55	56	57	58	59	60	61	
Largura do Joelho	35	36	37	38	39	40	41	
Largura do Tornozelo	20,6	21,2	21,8	22,4	23	23,6	24,2	
Altura da Cintura até o Tornozelo	92	93,5	95	96,5	98	99,5	101	

Figura 2 – Tabela de Medidas Feminina

Disponível em: http://cortandoecosturando.com/tabela_femenino.html

Os empresários ainda enfatizaram que nunca pensaram em criar produtos específicos para esses deficientes físicos cadeirantes, pois, realmente, este processo requer muito trabalho e mais atenção em todos os demais processos, desde a criação até o desenvolvimento do produto, “atrapalhando” o ritmo de produção das peças, e ocasionando muito prejuízo para a indústria.

O que ocorre, na verdade, é um alto grau de competitividade entre as indústrias, resultando em produtos sem ergonomia e completamente

excludentes. Isso porque as indústrias vislumbram o perfil de um consumidor dentro dos padrões estéticos tidos como os normais e excluem aqueles que possuem qualquer tipo de deficiência.

O processo de confecção de uma peça do vestuário tem início na elaboração do modelo, onde o estilista ou designer de moda, profissional responsável pela criação de produtos de moda, através de pesquisas de tendências, desenha o modelo a ser confeccionado. Desta forma, vale salientar que diante de entrevistas realizadas com esses profissionais nas indústrias de confecções de Teresina, foi possível perceber que no ato da criação, eles não levam em conta aspectos como a ergonomia, a mobilidade e a funcionalidade das peças que estão sendo elaboradas.

Fica nítido que os profissionais, por serem advindos dos rígidos padrões da moda tradicional, possuem o hábito de criar roupas para um tipo específico de corpo. Diferente do que diz FÁTIMA GRAVE (2004) apud SIMONE MAFFEI:

O design de moda visa atender às exigências do usuário final, trabalhando a leitura do corpo, referindo-se à sua cobertura. Sendo assim, se as regras anatômicas forem aplicadas à modelagem, pode-se contribuir ergonomicamente com os indivíduos em questão. Considerar a sensibilidade afetada, as alterações físicas, a pouca mobilidade, os planos anatômicos alterados e em alguns casos alergias aos tecidos é fundamental para que se consiga uma modelagem que atenda as necessidades das pessoas portadoras de deficiência física que necessitam do uso da cadeira de rodas.

Mas, no ato de criar, o que acontece é completamente o oposto do que diz Fátima Grave. Na verdade, as peças do vestuário são criadas, especialmente, para pessoas altas e magras, sem nenhuma deficiência física. O que ainda pode ocorrer é uma variação em medidas de acordo com alguns modelos de biótipos, onde por meio das medidas fundamentais de circunferência de busto, cintura e quadril pode se detectar a silhueta de uma mulher.

Mas isso não ocorre apenas nas indústrias de confecção de Teresina. É comum encontrar também em revistas de moda como Manequim, Moda Moldes, Molde e Cia, bem como em sites e blogs de moda, dicas de qual roupa fica melhor no corpo de uma determinada mulher, de acordo com os diferentes biótipos existentes. Isso deixa claro que as peças do vestuário são destinadas a um grupo seletivo de consumidor. E, mais uma vez o deficiente físico é

excluído desse grupo, pois não se encaixa em nenhum desses biótipos. Veja figura abaixo:

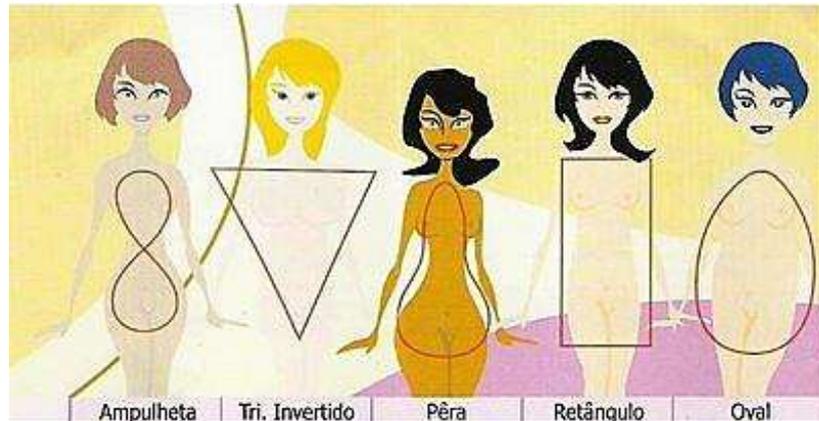


Figura 1 – De acordo com o seu biótipo físico

Disponível em: <http://magra-e-gostosa.blogspot.com.br/2009/11/de-acordo-com-seu-biotipo-fisico.html>

O processo de confecção dá sequência com a execução da modelagem do produto criado pelo estilista ou designer de moda. Esta etapa de construção de moldes é de responsabilidade do profissional chamado de modelista. Desta forma, para a construção da modelagem plana industrial é necessário seguir um esquema de técnicas geométricas e medidas do corpo humano para traçar os diagramas bidimensionais, que serão transformados em moldes.

Os modelistas observados durante a pesquisa afirmaram que são aptos a colocar em prática apenas o que é determinado pelo estilista ou pela empresa. Com isso, a modelagem, assim como o desenho, não possui aspectos ergonômicos, o que não permite a mobilidade e a funcionalidade das peças a serem modeladas. Para a construção dos moldes, eles utilizam tabelas de medidas padrões adotadas pelas indústrias de confecção do mundo ou tabelas de medidas padrão da própria empresa, obtidas a partir de pesquisas realizadas através de estudos do perfil do seu público alvo. Público esse que engloba diferentes biótipos ou diferentes medidas antropométricas.

Apesar de existirem essas variações antropométricas, ainda assim, não são suficientes para atender as necessidades dos deficientes físicos cadeirantes, pois eles sofrem com alterações adquiridas pela deficiência física, o que é completamente diferente. Sendo assim, possuem necessidade de se enquadrar na modelagem que o mercado lhes oferece. SIMONE MAFFEI diz

que “portadores de deficiência física não querem – e não devem – passar a existência tendo que se adaptar às roupas pensadas para pessoas com necessidades completamente diferentes das suas”.

Perante essas variações de medidas, Juliana Serra, afirma que:

Diante desta diversidade, torna-se difícil desenvolver uma modelagem padronizada, ou seja, algo que atenda a todos esses biótipos de uma só vez. O corpo da mulher brasileira não pode ser definido por um único padrão, pois, existem vários tipos de corpos no Brasil, oriundos da miscigenação.

Juliana Serra foi muito feliz ao afirmar que é difícil desenvolver modelagens que atendam todos os corpos de uma só vez, pois, realmente há muitas variações de medidas. Mas, foi infeliz ao dizer que existem vários tipos de corpos no Brasil oriundos da miscigenação. Desta forma, os deficientes físicos ficam excluídos, pois eles possuem características específicas que se diferenciam dos demais, e essas características não são oriundas de miscigenação.

Essa padronização de medidas surgiu a partir de estudos antropométricos, ou seja, as medidas do corpo humano foram definidas a partir da antropometria, “processo ou técnica de mensuração do corpo humano ou de suas várias partes” (STEFÂNIA ROSA, 2009). É importante salientar que tentativa de medir o corpo para obter uma padronização de medidas para o vestuário não é recente e já foram estudadas por filósofos, teóricos, artistas e arquitetos.

No final do século XIX e início do século XX foi que se desenvolveu a ciência antropométrica, a partir da necessidade de conhecer e classificar a raça humana de acordo com a estrutura física do corpo. Mas, apenas nos anos 40 as medidas começam a ganhar importância devido à necessidade de produção em massa pelas indústrias.

Juliana Serra diz que:

“a produção industrial da moda teve início no Pós-guerra, particularmente em 1949, com o surgimento do prêt-à-porter, que se traduz “pronto para vestir”. Para produzir peças industriais em série “para todos”, a indústria precisou criar métodos para que os produtos se adaptassem aos diversos usuários, classificados por tabelas de tamanho, com garantia de características ergonômicas”.

De acordo com a citação da autora é possível afirmar que os produtos podem até ter se adaptado às tabelas de medidas, mas não garantem características ergonômicas. Visto que a “ergonomia é o estudo do relacionamento do homem e o seu trabalho, equipamento e ambiente, e particularmente a ampliação dos conhecimentos de anatomia, fisiologia e psicologia na solução dos problemas surgidos desse relacionamento”.

CONCLUSÃO

A revisão bibliográfica demonstrou a confirmação das hipóteses levantadas no início da pesquisa. Mostrou que a metodologia utilizada pelos autores, para construção da modelagem plana industrial, está adequada apenas para um grupo seletivo de pessoas. A padronização de medidas através de tabelas de medidas padronizadas exclui os deficientes físicos cadeirantes.

Com base nos relatos dos entrevistados, pode-se afirmar que os cadeirantes sentem-se completamente excluídos do mercado da moda. Isso porque não encontram produtos do vestuário que satisfaçam seus desejos estéticos e funcionais e, com isso, são obrigados a usar produtos do vestuário comuns a todos.

Conclui-se, ainda, que nas indústrias de confecções de Teresina, as modelagens construídas, bem como os produtos do vestuário, também são elaborados a partir de tabelas de medidas padronizadas. Desta forma, as modelagens oferecidas, não condizem com as características solicitadas pelos deficientes físicos cadeirantes.

REFERÊNCIAS

GRAVE, Maria de Fátima. **A modelagem sob a ótica da ergonomia**. São Paulo: Zennex, 2004.

JONES, Sue Jenkin. **Manual do Estilista**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAFFEI, Simone Thereza Alexandrino. **O produto de moda para o portador de deficiência física: análise de desconforto**. Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Bauru, 2010. Disponível em: http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/design/dissertacoes/pdf/Simone_Maff_ei.pdf. Acesso em Janeiro de 2013.

Tabela de medidas feminina. Disponível em: http://cortandocosturando.com/tabela_femenino.html. Acesso em março de 2013.

MICHELINE, Marcos; OKIMOTO, Lucia; SCHEER, Sérgio; WIGINESCKI, Beatriz. **Avaliação e análise de acessibilidade de um deficiente físico motor, através do software CATIA, em habitações de interesses sociais**. Universidade Federal do Paraná, Centro Politécnico: Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.cesec.ufpr.br/workshop2007/Artigo-25.pdf>. Acesso: Janeiro 2013.

MISS FITNESS. De acordo com seu biótipo físico. Disponível em: <http://magra-e-gostosa.blogspot.com.br/2009/11/de-acordo-com-seu-biotipo-fisico.html>. Acesso em: março de 2013.

PALOMINO, Erika. **A moda**. 2ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

ROSA, Stefania, **Alfaiataria, modelagem plana masculina**. Brasília: SENAC-DF, 2009.

SABRÁ, Flávio, **Modelagem, tecnologia em produção do vestuário**. 1º ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SERRA, Juliana Bononi. **Modelagem padrão para o que não é padronizado**. Centro Universitário Moura Lacerda. Disponível em: http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda-2012/GT04/COMUNICACAOORAL/103472_Modelagem_padrao_para_o_que_nao_poderia_ser_padronizado.pdf. Acesso: Janeiro 2013.

SILVA, Otto M. **A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: Cedas, 1987.